

## Admirável Livro Novo

## Brave New Book

### Saulo Cunha de Serpa Brandão

Pós-Doutor em Lingüística, University of Washington - Seattle, UW, Estados Unidos

Professor da Universidade Federal do Piauí, Brasil.

E-mail: saulo@ufpi.br

### Priscila Viviane de Sousa Carvalho

Mestranda em Lingüística Universidade Federal do Piauí

graduação em Licenciatura Plena em Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Piauí

E-mail: vivipcar@hotmail.com

---

#### Endereço: Saulo Cunha de Serpa Brandão

Endereço: Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Letras. Av. Petrônio Portela, s/n. Ininga. 64049550 - Teresina, PI – Brasil

#### Endereço: Priscila Viviane de Sousa Carvalho

Endereço: Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Letras. Av. Petrônio Portela, s/n. Ininga. 64049550 - Teresina, PI – Brasil.

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 29/02/2016. Última versão recebida em 15/03/2016. Aprovado em 16/03/2016.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.

Apoio e financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí, FAPEPI.

## RESUMO

O objetivo deste artigo é propor uma reflexão acerca do livro feito para mídias digitais, o *e-book*. Para tanto, é necessário analisar e identificar o livro eletrônico como produto cultural contemporâneo para novos meios e novos suportes no campo literário. Com Negroponte (2002), Ferreira (2006), Spalding (2012) tratar de uma análise das estruturas inerentes às novas mídias derivadas de componentes da informática numa comparação com os meios tradicionais de produtos literários e relacionar o livro digital como modelo padrão de utilização para os leitores atuais. O artigo pretende, ainda, cruzar os conceitos sobre o fim do livro tradicional, a ruptura com o passado e as novas perspectivas para as tendências literárias da posteridade.

**Palavras-chave:** Literatura. Livro Digital. E-Book. Ciberliteratura.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to propose a reflection on the book made for digital media, e-book. Therefore, it is necessary to analyze and identify the electronic book as contemporary cultural product for new media and new media in the literary field. With Negroponte (2002), Ferreira (2006), Spalding (2012) dealing with an analysis of the structures inherent in new media derived from computer components in comparison to the traditional means of literary products and relate the digital book as a standard usage model for current readers. The article also cross the concepts of the end of the traditional book, to break with the past and the new perspectives for the literary trends of posterity.

**Keywords:** Literature. Digital Book. E-Book. Cyberliterature.

*O livro não morrerá.*  
Umberto Eco

## 1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos em livros, logo condicionamos o pensamento ao modelo tradicional de mídia física, o livro de papel. Mas, no atual cenário, e sob influência da Era da Informação<sup>1</sup>, a tradicional roupagem do livro passou por modificações físicas que lhe atribuíram um novo formato e acesso. Essas modificações serviram para a reprodução do livro como produto para uso em componentes de informática.

A importância desta pesquisa é explorarmos como esses novos formatos de livros, feitos para o ambiente virtual, têm se estabelecido no mercado editorial e acompanhado as mudanças sociais de forma acelerada e eficaz. Analisamos, também, como o livro passou de objeto para mídia.

E que, mesmo diante do aparente desuso do formato tradicional, há nos novos formatos uma relevante facilitação de distribuição e uma incontestável democratização no acesso por estar disponível *on-line*, mas uma restrita limitação quantos aos dispositivos de leitura.

Certos da relevância desta pesquisa, nós tencionamos que o estudo, aqui promovido, possa contribuir positivamente para a compreensão sobre o que é esse livro em formato digital, quais as suas aplicações, usos e a incorporação dessas novas tecnologias na sociedade.

Dessa forma, o objetivo deste artigo de pesquisa que, baseados na fundamentação teórica, propor uma reflexão analítica sobre o livro feito para mídias digitais, utilizando-se do termo *e-book* como abreviação para o termo em inglês *eletronic book*, em generalização ao denominado *livro digital*, no Brasil possamos, ainda, apresentar a estrutura da fundamentação teórica da reflexão em duas partes.

Na primeira parte, definimos o conceito de Objeto Digital que utilizamos nesta pesquisa, segundo a *Electronic Literature Organization* (ELO), Negroponte (2002) e Ferreira (2006). Quanto, na segunda parte, buscou o cruzamento sobre o fim do livro tradicional, a ruptura com o passado e as novas perspectivas para as tendências literárias para a posteridade com Hayles (2009) e Manovich (2011), Spalding (2012).

---

<sup>1</sup> Uma alusão à terceira onda, de Alvin Toffler, também conhecida como “Era da Informação”. Toffler, em palestra concedida em 1993 no Congresso Nacional de Informática da SUCESU19, afirma que a melhor maneira de entender essa terceira onda é contrastando-a com a segunda onda, a “Era da Civilização Industrial”.

A técnica de pesquisa que adotamos foi a bibliográfica, que abrange tanto o *corpus* teórico que norteia a análise, quanto o ponto relevante deste trajeto, que é a constante revisão dos pressupostos teóricos, exigindo, para tanto, a leitura crítica.

Elegemos para o corpus de análise as seguintes obras: A questão dos livros (2010), Questões de literatura na tela (2010), Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário (2009), A vida digital (2002), Retratos da Leitura no Brasil (2012) e Introdução a preservação digital (2006).

Portanto, o trabalho que propomos, tenciona há caracterização do *e-book*. E segundo Manovich (2011), delimitamos algumas questões básicas referentes às novas mídias. Já com a base teórica mencionada no segundo parágrafo, e com a contribuição de Spalding (2012) fechamos os questionamentos com respostas assertivas sobre o fim do livro objeto e a padronização técnica do livro *mídia*.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O livro: de átomos para bits

*E-book* é uma abreviação do termo inglês *eletronic book* geralmente designado ao livro em formato digital, podendo ser uma versão eletrônica de um livro que já foi impresso, ou cópia digitalizada do livro *objeto*, ou, ainda, uma criação original em formato de mídia para suportes de leituras digitais.

Para Chartier (1998, p.100), “a representação eletrônica dos textos modifica totalmente sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico”. Mas a especificidade da localização não torna o *e-book* indisponível para o acesso. Em 1971, Michael Hart criou o Projeto *Gutenberg*<sup>2</sup>, movido por um esforço voluntário, para digitalizar, arquivar e distribuir obras culturais através da digitalização de livros.

No Brasil, o governo brasileiro lançou, em 2004, o Portal Domínio Público<sup>3</sup>, que inicialmente contabilizava 500 obras, propondo o compartilhamento de conhecimentos em forma de uma biblioteca virtual que permite a coleta, a integração e a preservação de obras literárias. Até janeiro de 2014, eram 186.740 obras cadastradas na forma de textos, sons,

---

<sup>2</sup>O primeiro texto a ser digitalizado foi uma cópia da Declaração de Independência dos Estados Unidos e hoje são mais de 33 mil livros eletrônicos digitalizados para leitura *online* ou nos leitores digitais. O site é composto basicamente de livros em domínio público, acessível em <<http://www.gutenberg.org/>>.

<sup>3</sup> Disponível em <<http://dominiopublico.gov.br/>>.

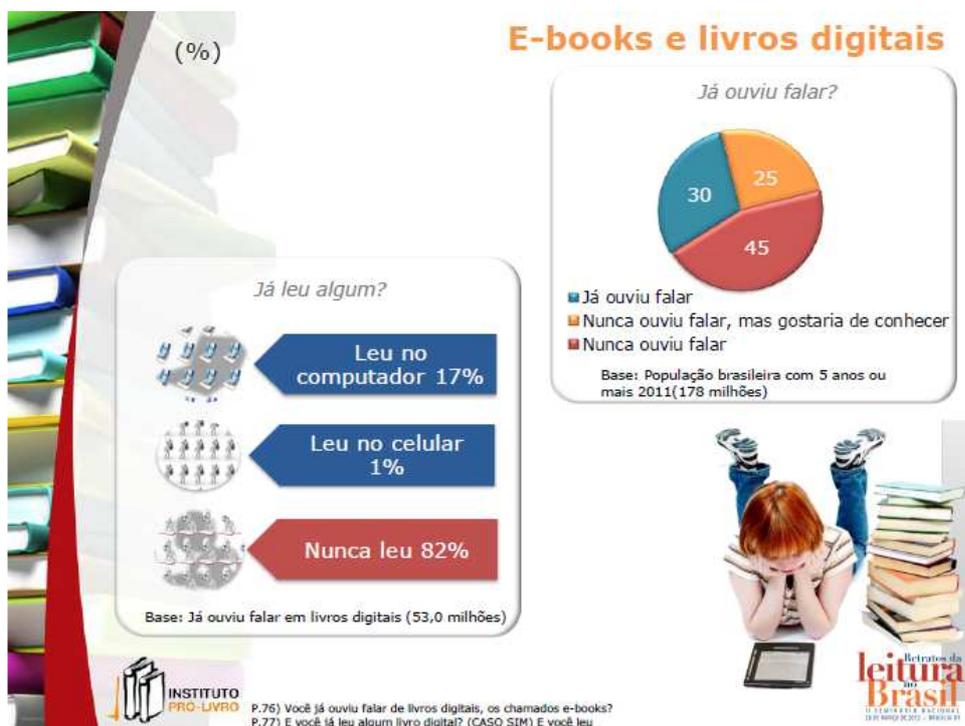
imagens e vídeos, um acervo que recebe em torno de 60.289 mil visitas por mês, segundo estatísticas disponibilizadas pelo próprio site.

Em 2012, a Livraria Cultura iniciou a venda do primeiro suporte de leitura digital, o *kobo*<sup>4</sup>. Ainda no mesmo ano a chegada da *Amazon.com*, uma grande empresa norte-americana no ramo de *e-books*, provocou um desconforto entre editores, livrarias e leitores. Todos alimentavam temores quanto às mudanças de expectativa do mercado e se os novos hábitos de leitura colocariam, em questão, o futuro do livro impresso.

Segundo estimativas publicadas na matéria *E-books chegam a 3% das vendas de livros*<sup>5</sup> na Folha de São Paulo, em 04/01/2014, as maiores editoras do país fecharam 2012 com os *e-books* representando cerca de 1% (um por cento) de suas vendas totais. Mas, em 2013, a venda dos livros digitais contabilizou 3% (três por cento) no total.

É um percentual considerado ainda pequeno de acordo com o Instituto Pro-Livro em *Retratos da Leitura no Brasil*.

Figura 1 - Retratos da Leitura no Brasil, 2012, p.76.



Porém, é importante compreender tratar-se de um crescimento gradativo em um país cujos leitores ainda tateiam as opções de leitura digital. As informações da figura 1 mostram

<sup>4</sup> A Kobo pertence à empresa de eCommerce Rakuten, sediada em Tóquio.

<sup>5</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1392978-e-books-chegam-a-3-das-vendas-de-livros.shtml>>.

que 53 milhões de pessoas, no Brasil, já ouviram falar em *e-books* ou livros digitais. Entretanto, ainda segundo o gráfico da figura 1, cerca de 82% dos entrevistados nunca leram nenhum *e-book* em nenhum dos dois suportes oferecidos.

### 3 A vida útil de um e-book

No mundo de hoje, a informação é produzida em uma quantidade colossal, catalogada e enviada para os mais diversos suportes que possibilitam a sua divulgação. Dessa forma, a revolução tecnológica dos últimos 20 anos (em particular da informática e das comunicações) possibilita à geração, que transita na era da informação, que produzam e registrem mais informação, de certo, bem maior do que toda a informação registrada pelos milhares de gerações que as precederam.

Em *A vida digital* (2002, p. 13), Negroponte sustenta que a informação dos dias de hoje pode ser encontrada de duas formas: a informação em formato de átomos e em formato de *bits*. Na vida atual, a maioria das informações chega em átomos (revista, jornal, livros), enquanto na vida digital, a informação chega em formato de *bits* (internet). Os “bits” têm valor muito superior aos “átomos” que os armazenam.

Essa quantidade excessiva de informações, segundo Hilbert e López no artigo *The World's Technological Capacity to Store, Communicate, and Compute Information*. Publicado na revista *Science Magazine* seria de:

A quantidade total de informações cresceu de 2,6 exabytes opticamente compactados em 1986 para 15,8 em 1993, mais de 54,5 em 2000, e para 295 exabytes de forma opticamente compactados em 2007. Isto é equivalente a menos do que um CD-ROM 730 MB - por pessoa em 1986 (539 MB por pessoa), cerca de 4 CD-ROM por pessoa em 1993, 12 CD-ROM por pessoa em 2000, e quase 61 CD-ROM por pessoa em 2007. Acumulando o imaginado 404.000.000.000 bilhões de CD-ROM a partir de 2007 seria criar uma pilha da terra à lua e um quarto dessa distância a mais (com 1,2 milímetros espessura por CD). (Hilbert e López, 2002, p.62, tradução nossa).

Mas livros digitais, de modo geral, são pequenos, bem menores do que uma MP3<sup>6</sup> ou um App<sup>7</sup>. Não dá para estabelecer essa questão como um fator que deponha contra o armazenamento do *e-book* em tempo futuros.

<sup>6</sup>MP3: Forma abreviada de MPEG-I *Audio Layer III*. Formato de áudio MPEG que produz som com qualidade de CD, com uma relação de compactação de 12:1. (SAWAYA, 1999, p. 304)

<sup>7</sup> APP (APPLication) – aplicativo. Um programa que ajuda o usuário a executar uma tarefa em particular, tal como processador de texto, planilha ou banco de dados. (SAWAYA, 1999, p. 26)

Porém, a questão problema que consideramos na pesquisa é a obsolescência programada dos componentes e dispositivos de informática. Miguel Ferreira em *Introdução à preservação digital* (2006, p. 19) afirma:

A obsolescência tecnológica não se manifesta somente ao nível dos suportes físicos. No domínio digital, todo o tipo de material tem obrigatoriamente de respeitar as regras de um determinado formato. Isto permite que as aplicações de software sejam capazes de abrir e interpretar adequadamente a informação armazenada. “À medida que o software vai evoluindo, também os formatos por ele produzidos vão sofrendo alterações”.

Em pesquisas sobre o ciclo de vida de aparelhos eletrônicos, realizada pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC) e pelo Instituto de Pesquisa *Market Analysis*, é analisada a satisfação sobre o desempenho e durabilidade dos produtos eletroeletrônicos, como por exemplo os celulares, que se encaixariam, também, na mesma categoria de um computador, por serem aparelhos que apresentam um número de problemas de funcionamento bem significantes.

Figura 2 – Revista IDEC nº184 - Fevereiro 2014



A figura acima se refere à revista de edição nº194 - Fevereiro 2014. Demonstra-se, nela, a expectativa de durabilidade pelo consumidor. O IDEC objetivou identificar as expectativas do consumidor em relação à duração dos aparelhos no Brasil. A prospecção é que a categoria analisada no gráfico tenha uma vida útil de 2 a 3 anos a mais do que de fato tem hoje.

A vida útil de componentes relacionadas à perecibilidade do livro digital nos volta para a chamada preservação digital. Ferreira (2006, p. 21) designa:

[...] o conjunto de atividades ou processos responsáveis por garantir o acesso continuado a longo-prazo à informação e restante patrimônio cultural existente em formatos digitais. A preservação digital consiste na capacidade de garantir que a informação digital permanece acessível e com qualidades de autenticidade suficientes para que possa ser interpretada no futuro recorrendo a uma plataforma tecnológica diferente da utilizada no momento da sua criação.

Ferreira (2006, p.28) ainda acrescenta que, em 1990, o *Consultative Comitee for Space Data Systems* (CCSDS) iniciou um esforço conjunto com a *International Organization for Standardization* (ISO), a fim de desenvolver um conjunto de normas capazes de regular o armazenamento, a longo-prazo, de informação digital produzida no âmbito demissões espacial.

Este esforço deu origem ao modelo de referência OAIS (*Open Archival Information System*), que consiste em um modelo conceitual que visa identificar os componentes funcionais que deverão fazer parte de um sistema de informação dedicado à preservação digital. O modelo foi aprovado como uma norma internacional em 2003 – *ISO Standard 14721:2003*.

Esse OAIS é um modelo conceitual que disciplina e orienta um sistema de arquivo dedicado à manutenção do acesso a informações digitais por longo prazo. É preciso ressaltar que há diversos modelos que objetivam uma amplitude na data de validade dos arquivos, além de esforços que têm sido aplicados com relação aos tipos de soluções de preservação tecnológica.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante esta pesquisa foi possível fazermos revisões histórica, reflexiva e elucidativa de como o livro digital tem se estabelecido e conquistado um espaço, ainda simbólico, no mercado editorial, já que no Brasil, o acesso e comercialização *doe-book* são apresentados segundo estimativas pequenas, se comparadas a outros mercados, porém, gradativas, se essas estimativas nos remeterem a um horizonte positivo diante das novas possibilidades tecnológicas.

O *e-book*, quanto à sua usabilidade, já se encontra estabelecido como opção alternativa ao livro tradicional que, metaforicamente, não morreu e ainda se configura como primeira escolha de busca e compra dos brasileiros, detendo a prioridade no mercado editorial e se estabelecendo, culturalmente, como a primeira opção de formato.

Ressaltamos que o livro digital apresenta vantagens como a possibilidade de armazenar uma quantidade, consideravelmente grande, se utilizar um dispositivo como um *pendrive*<sup>8</sup>, por exemplo. O que já não seria possível com obras impressas. Além de abrangência das obras publicadas poderem ser facilmente acessadas por qualquer pessoa, independentemente do lugar no país de acesso.

É possível, também, obtermos um *e-book* de forma gratuita em bibliotecas públicas disponíveis *online*<sup>9</sup> ou outros sites que possibilitem a oferta de livros digitais, como o *Google Books*<sup>10</sup>. Assim, concluímos nossas considerações a respeito de tema, esperando que, tanto o livro *objeto*, quanto o livro *mídia*, possam ser facilitadores da leitura e pesquisa no tempo presente e futuro.

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, R; **A aventura do livro do leitor ao navegador**: conversações com Jean 241 Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.marcelospalding.com>> Acesso em: 12 jun. 2015.

DARNTON, R; **A questão dos livros**. Trad. Daniel Pelizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

E-BOOKS chegam a 3% das vendas de livros. Folha ilustrada. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1392978-e-books-chegam-a-3-das-vendas-de-livros.shtml>. Acesso em: 13 jun. 2015

FERREIRA, M; **Introdução à Preservação Digital**: Conceitos, estratégias e actuais consensos. Portugal: Escola de Engenharia da Universidade do Minho, 2006. 88 p. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5820/1/livro.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

HAYLES, K; **Literatura Eletrônica**: novos horizontes para o literário. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global, 2009.

HILBERT, M; LÓPEZ, P; **The World's Technological Capacity to Store, Communicate, and Compute Information**. *Science*. 2011. Disponível em: <<http://www.sciencemag.org/content/332/6025/60>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

---

<sup>8</sup>*Pen Drive* ou Memória USB *Flash Drive* é um dispositivo de memória constituído por memória flash (EEPROM), com aspecto semelhante a um isqueiro e uma ligação USB tipo A permitindo a sua conexão a uma porta USB de um computador ou outro equipamento com uma entrada USB. (SAWAYA, 1999, p. 349)

<sup>9</sup>*Online* – em linha direta, conectado. O mesmo que *on line*, ou ainda *on-line*. (SAWAYA, 1999, p. 328)

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://books.google.com.br/>>.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL**. II Seminário Nacional. 3. ed. 2011. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>>. Acesso em: 15 maio 2015.

JAMESON, F; **Pós-Modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Editora Ática, 1996.

MANOVICH, L. Novas mídias como tecnologia e ideia: dez definições. In: Lucia Leão (org.). **O chip e o caleidoscópio**: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

MANOVICH, L. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2011.

NEGROPONTE, N; **A vida digital**. 2. Ed. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SAWAYA, M. R; **Dicionário de Informática e Internet**. São Paulo: Nobel, 1999. 545 p.

SPALDING, M; **Alice do livro impresso ao e-book**: adaptação de Alice no país das maravilhas e de Através do espelho para iPad. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.literaturadigital.com.br/tese/teseLiteraturaDigital.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

TOFFLER, A. F; **A terceira onda**. Trad. João Távora. Rio de Janeiro: Record, 1980.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

BRANDÃO, S. C. S; CARVALHO, P. V. S. Admirável Livro Novo. **Rev. FSA**, Teresina, v.13, n.3, art.11, p.199-208, mai./jun. 2016.

Contribuição dos Autores	S. C. S.	P. V. S.
	Brandão	Carvalho
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X